



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 23 de Julho de 1997

A Rainha do Universo

Queridos Irmãos e Irmãs

1. A devoção popular invoca Maria como Rainha. O Concílio, depois de ter recordado a assunção da Virgem «à glória celeste em corpo e alma», explica que Ela foi «exaltada por Deus como Rainha do universo, para assim se conformar mais plenamente com seu Filho, Senhor dos senhores (cf. *Ap* 19, 16) e vencedor do pecado e da morte» (*LG*, 59).

Com efeito, a partir do século V, quase no mesmo período em que o Concílio de Éfeso a proclama «Mãe de Deus», começa-se a atribuir a Maria o título de Rainha. O povo cristão, com esse ulterior reconhecimento da sua excelsa dignidade, quer colocá-la acima de todas as criaturas, exaltando a sua função e importância na vida de cada pessoa individualmente e do mundo inteiro.

Mas já num fragmento de homilia, atribuído a Orígenes, aparece este comentário às palavras pronunciadas por Isabel na Visitação: «Eu é que deveria vir a ti, porque és bendita acima de todas as mulheres, tu, a mãe do meu Senhor, tu, minha Senhora» (*Fragmenta*, PG 13, 1902 D). Neste texto, passa-se espontaneamente da expressão «a mãe do meu Senhor», ao apelativo «minha Senhora», antecipando quanto declarará mais tarde São João Damasceno, que atribui a Maria o título de «Soberana»: «Quando se tornou mãe do Criador, tornou-se verdadeiramente a soberana de todas as criaturas» (*De fide orthodoxa*, 4, 14, PG 94, 1157).

2. O meu Venerado Predecessor Pio XII, na Encíclica *Ad coeli Reginam*, à qual faz referência o texto da Constituição *Lumen gentium*, indica como fundamento da realeza de Maria, além da

maternidade, a cooperação na obra da redenção. A Encíclica recorda o texto litúrgico: «Santa Maria, Rainha do céu e Soberana do mundo, participava no sofrimento, junto da Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo» (AAS 46 [1954] 634). Ela estabelece depois uma analogia entre Maria e Cristo, a qual nos ajuda a compreender o significado da realeza da Virgem: Cristo é rei não só porque é Filho de Deus, mas também porque é redentor; Maria é rainha não só porque é Mãe de Deus, mas também porque, associada como nova Eva ao novo Adão, cooperou na obra da redenção do género humano» (AAS 46 [1954] 635).

No Evangelho de Marcos lemos que no dia da Ascensão o Senhor Jesus «foi arrebatado ao Céu e Se sentou à direita de Deus» (16, 19). Na linguagem bíblica, «sentar-se à direita de Deus» significa compartilhar o Seu poder soberano. Ao sentar-Se «à direita do Pai», Ele instaura o Seu reino, o Reino de Deus. Elevada ao Céu, Maria é associada ao poder de seu Filho e dedica-se à extensão do Reino, participando na difusão da graça divina no mundo.

Olhando para a analogia entre a Ascensão de Cristo e a Assunção de Maria, podemos concluir que, em dependência de Cristo, Maria é a rainha que possui e exerce sobre o universo uma soberania, que lhe foi dada pelo seu próprio Filho.

3. O título de Rainha não substitui certamente o de Mãe: a sua realeza permanece um corolário da sua peculiar missão materna, e exprime simplesmente o poder que lhe foi conferido para exercer essa missão.

Ao citar a *Bula Ineffabilis Deus*, de Pio IX, o Sumo Pontífice Pio XII põe em evidência esta dimensão materna da realeza da Virgem: «Tendo por nós um afecto materno e assumindo os interesses da nossa salvação, Ela estende ao género humano inteiro a sua solicitude. Estabelecida pelo Senhor como Rainha do céu e da terra, elevada acima de todos os coros dos Anjos e de toda a hierarquia celeste dos Santos, ao sentar-se à direita do seu único Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, Ela obtém com grande certeza aquilo que pede com as suas súplicas maternas; aquilo que procura, encontra-o e não lhe pode faltar» (AAS 46 [1954] 636-637).

4. Os cristãos olham, portanto, com confiança para Maria Rainha, e isto não só diminui, mas antes exalta o seu abandono filial naquela que é mãe na ordem da graça.

Antes, a solicitude de Maria Rainha pelos homens pode ser eficaz de maneira plena, precisamente em virtude do estado glorioso consequente da Assunção. Bem o põe em evidência São Germano de Constantinopla, o qual pensa que esse estado assegura a íntima relação de Maria com seu Filho e torna possível a sua intercessão em nosso favor. Ele acrescenta, ao dirigir-se a Maria: Cristo quis «ter, por assim dizer, a proximidade dos teus lábios e do teu coração; desta maneira Ele atende a todos os desejos que Lhe exprimes, quando sofres pelos teus filhos, e Ele realiza, com o Seu poder divino, tudo o que Lhe pedes» (*Hom.* 1, PG 98, 348).

5. Pode-se concluir que a Assunção favorece a plena comunhão de Maria não só com Cristo, mas com cada um de nós: Ela está ao nosso lado, porque o seu estado glorioso lhe permite acompanhar-nos no nosso itinerário terreno diário. Como lemos ainda em São Germano: «Tu habitas espiritualmente connosco e a grandeza da tua vigilância sobre nós faz ressaltar a tua comunidade de vida connosco» (*Hom. 1, PG 98, 344*).

Longe, portanto, de criar distância entre nós e Ela, o estado glorioso de Maria suscita uma aproximação contínua e solícita. Ela conhece tudo o que acontece na nossa existência e sustenta-nos com amor materno nas provas da vida.

Elevada à glória celeste, Maria dedica-se totalmente à obra da salvação, para comunicar a cada vivente a felicidade que lhe foi concedida. É uma Rainha que dá tudo aquilo que possui, comunicando sobretudo a vida e o amor de Cristo.

Saudações

Queridos Irmãos e Irmãs!

Saúdo todos os peregrinos de língua portuguesa, vindos do Brasil, de Portugal e sobretudo de Cabo Verde: digo «sobretudo», porque vos vejo menos vezes, mas nunca vos esqueço. Sei das provocações e agravos que tendes recebido contra alguns símbolos sacros da vossa vida e devoção cristã: não tenhais medo; continuai firmes na fé, pensando, como diz São Paulo, que «temos de sofrer muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus» (*Act 14, 22*). Sobre todos os presentes, desça a minha Bênção, extensiva às vossas famílias e paróquias, nomeadamente à de Santa Rita de Cássia de Sorocaba, e aos grupos paroquiais de Rio Tinto e da diocese de Faro.

E agora uma saudação cordial aos *Jovens*, aos *Doentes* e aos *jovens Casais*. A Igreja na liturgia faz hoje memória de Santa Brígida da Suécia que, ardente de amor por Deus e pelos irmãos, se dedicou inteiramente à causa do Evangelho, pondo-se ao serviço da unidade dos cristãos.

Caros *jovens*, convido-vos a seguir o exemplo de Santa Brígida, para enraizardes a vossa vida nos valores do Evangelho e testemunhardes a fé, num diálogo aberto e cordial.

E vós, queridos *doentes*, ofereci com espírito missionário os vossos sofrimentos quotidianos para a plena comunhão entre todos os discípulos do Senhor.

Exprimo, por fim, a vós, prezados *jovens esposos*, os votos por que saibais testemunhar a importância da missão da família cristã na Igreja e na sociedade.

A todos a minha Bênção.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana